

# MORMAÇO

PABLO GONÇALO

Pablo Gonçalo é diretor dos curta-metragens *Vestígios* (2006), *Roteiro para minha morte* (2009) e *Osmo* (2024). É roteirista do filme *New Life S/A* (2018), de André Carvalheira, e um dos coordenadores do CineBeijoca. Foi redator da *Revista Cinética* e possui colaborações para a *Revista 451*, *Senses of Cinema*, *Folha de São Paulo*, *Estado de Minas*, *Journal of Screenwriting*, *La Furia Umana*, entre outras revistas e jornais. É professor de Audiovisual da Universidade de Brasília e seu segundo livro é *Hollywood de Papel: roteiros não filmados de Ben Hecht, Billy Wilder e Frances Marion* (2022). Possui doutorado em Comunicação pela UFRJ, com passagem pela Freie Universität Berlin, como bolsista do DAAD, foi Fulbright Visiting Scholar na University of Chicago, e professor visitante da Universidade de São Paulo, USP, da Universidade Federal Fluminense, UFF, com bolsa da Faperj, e da Universidad Autonoma de Mexico, UNAM.

Apenas uma parte ínfima do que acontece num set de filmagem migra para a tela. Uma outra parte, do que é ali vivido para ser filmado, fica perdida, se esvanece. Em Mormaço há um diálogo, uma elegia, uma carta encruzilhada entre a memória e a imaginação; a busca pela fábula que caminha lado a lado ao feitio, fabril, de filmes, por eventos que poderiam ter acontecido de outra forma. O lugar da ficção aguça um encontro, um aqui, uma forma de juntar corpos e eventos já não mais sintonizados exclusivamente pelo tempo atual.

cinema,  
ensaio,  
conto,  
memória,  
brasília,  
ficção  
especulativa.

São de um amarelo carcomido os containers do subsolo, cheios de velhas cadeiras. Pilhas, baterias, pedaços de madeira mofadas se acumulam, lado a lado dos restos de bambu. Os descartes se aglomeram, as décadas passam, não é bem lixo, sobras desmontadas de uma paisagem de repartições, que têm uma luz áspera na pontinha do túnel. Vieram, passaram por ali. Os trilhos deixaram um rastro, talvez desleixo da equipe de direção de arte, largá-los ali, e nunca voltarem para recolher o material cenográfico. Anos depois, você diz “corta”. Sua última vez num set, mas ninguém atentou. Foi por essa época, os vagões ficaram escassos, raramente passam no final do Minhocão norte. Virou uma estação fantasma.

Às vezes vou até a beira que separa meu corpo do vão do trilho. Tenho um copinho plástico com café, tá na minha mão, espero que esfrie. Em segundos, vejo ratos, bitucas de cigarro, de priscas eras, pombos apressados, com as asas machucadas; volto a assistir tudo que contorna essa estação, como se na minha presença os fantasmas se animassem. Na fresta gelada desse concreto, estão acordados. Os trilhos chamam, tremem - um agudo - anunciam a chegada do metrô, o único da asa norte. Fecho os olhos e engulo o gosto do café preto, intenso, até ruim. Pela janela, reconheço a menina espantalho, o capetão, a guria que nunca foi à praia. Se der mais um passo, as portas se abrem, entro no vagão, embarco; dentro do seu filme, viajo, viajarei, sorridente, com os dedos tocando, triscando o vento, como um dos seus figurantes.

\* \* \*

Uma vez escutei você me dizendo, ou eu acho que você me disse enquanto eu escutava outras vozes; sou disperso, C., mas a frase era sensata, seus lábios se mexendo, e percebo você me dizendo que aprecia os fiascos, que eles cabem naqueles minúsculos frascos de perfume, que às vezes assim, descartados, descartáveis, eles são mais atraentes. Você me disse isso, tenho quase certeza, e a frase me pegou, enquanto você ria, enquanto eu deixava de escutar as outras vozes que me perseguiram. Gostei da frase, mas esqueci de tomar nota. Esqueci de abrir meu caderno e de registrá-la no canto de uma página, entre os seus desenhos de personagens.

É meio ridículo e fico até encabulado ao me dar conta disso, mas somem, desaparecem as coisas que não tomo notas. As frases sem registros viram as mais pontiagudas, as que querem ser rememoradas, simplesmente porque me escapam e precisam voltar de alguma outra forma. Então filmo, fotografo, escrevo, não obsessivamente, porque não sou lá dado a manias.

Uma espécie de necrófilos das coisas perdidas, de segunda categoria, é o que somos, C., sem nenhum glamour. Não tomei nota – e então talvez eu esteja distorcendo o que você disse, ou aumentando, curtindo o teor da frase exagerada. Vinte anos depois de te ouvir dizer sobre fiascos, entro no laboratório de fotografia. Na mochila, carrego três ou quatro negativos ainda úmidos.

Num dos rolos: uma sessão de fotos nos cemitérios, é o que tem escrito, era dois de novembro, e ainda não levávamos flores para dar aos mortos. Eu queria espiar os rostos de quem lembra seus mortos. Sacudi o filme com força, num compasso quatro por quatro, seguindo o manual de instrução de como revelar negativos, e deixei um deles exposto na bacia branca que contém o revelador, junto ao papel da polaroid; em seguida, balancei os químicos de um jeito brando, queria pouca revelação da imagem. Durante o blow up, uma lembrança: como era imponente o pequizeiro onde estávamos, onde nos recostávamos, no meio do cemitério, quando você me contou da frase que eu deveria ter ouvido com mais cuidado.

\* \* \*

Penso nos pedaços, C., nos pedaços destas palavras, e penso no ponto que virá. Pronto, ele chega, chegou e quando surgir o instante do seu nome vir, antes ou depois do ponto, o momento do seu nome ser pronunciado, sumir e reaparecer, ele, o ponto, novamente se instalará, sem nenhuma cerimônia; ou talvez convidará estes olhos leitores a pular palavras, como saltam, como se virassem hóspedes do ar, as patas do cavalo de Muybridge. Já tentaram cortar palavras como se arrancam pétalas, desperdiçar suas sílabas, quebrá-las em cutículas de vocábulos, o sopro que escapa da fala e que não para quieto em nenhum frasco, mas é em vão. Francis Bacon pintou pedaços de corpos de homens, desfigurou seus rostos, torceu a geometria da face, enquanto lavadeiras quaram camisas, blusas, calcinhas e cuecas, estateladas, torrando ao sol. Estáticas, prenhas de movimentos, imagens são feitas desses átomos, grãos do mundo, seus músculos retesos, cascos e galopes, despedaçando-se, que desaparecem, que faltam. É na ausência de algo que toda imagem grita.

C., eu nunca te escrevi uma carta. Nem me lembro de ter recebido algum papel com sua letra, um envelope, um selo, um carimbo. Sabia onde você morava, nas pontas da Asa Norte – uma vez na 416, noutra, na 402, talvez nos prédios finais, pelo lado do bloco N, antes de você se entocar no interior de Minas, mas seu CEP não me interessou de perguntar qual era.

Recebi, li seus emails – e só. Sinto vergonha por não ter te respondido. Talvez viesse minha mania de pensar “depois escrevo”, e é esse depois que me desconcerta, me assombra, porque sei que fugia de encontrar as palavras e o momento certo. Será que invento mais uma mística? Então começo a pensar que a hora das palavras não é lá definida pela hora que a mensagem é lida. Um relógio de sol, só que com o ponteiro torto, fora de compasso.

Dizer que já é tarde é um sinal de menos, subtrai o que eu deveria ter dito. Você salta para fora desta órbita, e de tanto buscar o exato instante das palavras elas chegam numa hora sem agora.

\* \* \*

Não tive coragem. As notícias, as fotos, as mensagens, a retrospectiva que fizeram com seus filmes. Me dispus a todos os convites, não fui a nenhum dos eventos. Quando nos encontramos, ninguém fala de ti. Camila, Denise, Leo, Walder, Adirley. Fugimos, mudamos de assunto, ficamos rasos d’água.

Às vezes acho que a covardia é uma das marcas da nossa geração. Viramos formiguinhas de editais e ninguém mais se lança, pega e tira o megafone da mão inimiga, arranca de uma vez dos dedos, sem pedir licença, e fala alto, grita, xinga. Qualquer desavença tola vira recurso jurídico, processo com QR code, uma vara, um juiz, e uma oficial de justiça batendo à porta.

Destemido, você se lança, parte. Você, André, Bernardo, Montana. O pulo, as cápsulas, a corda, o tiro, sei lá como. Todos homens, da mesma cor, regados a leite com sucrilhos, talentosos, mimados como eu, relativamente reconhecidos, mas reclamações, relativamente satisfeitos, beirando a meia idade. Em segundos estarecidos sacam a merda onde nos metemos.

\* \* \*

Mormaço. Era o título do email que você me mandou, nome do longa, na folha de rosto, com seu copyright, seu endereço. A estória conta de dois guris que se conhecem no mesmo ônibus, vinham do interior de Minas para a Capital Federal, “grandes merdas, a capital é isso aí?”, zombava o protagonista. À noite, enquanto estão no ônibus e se conhecem, eles se pegam. Na parada, na lanchonete, eles vão para o banheiro, se beijam longamente, se comem, com os pés pela privada, apertados para ninguém abrir a portinha do banheiro. Abafam os gemidos e não serão flagrados pela temida insônia dos caminhoneiros numa churrascaria 24 horas.

No roteiro, um Brasil do final dos anos noventa: a baré-cola em garrafas de vidro, palitos de dente, goibada, rapadura, uma viagem sem ar condicionado. Recebidos pelo vento forte das BRs, os dois amigos amantes chegam a Brasília, e se alternam no banheiro de trás do ônibus, dando tragos no baseado que um deles trazia, jogando na última janela, a mais fedida, a guimba, capaz de queimar as árvores do cerrado.

Fiquei sabendo da sua internação em Pequim, ou numa cidade dos rincões China. Quando te perguntei dessa história, você desconversou, e encarei seus olhos miúdos, pensando na elegância dos mineiros ao tergi-versar. Ligeiros, puxam outro assunto, mais doce que a curiosidade pela fofoca. Foi o João que me disse. Te encontrou em Tokyo e você, na real, tinha sido preso, te flagraram ou denunciaram, nunca soube ao certo. Lá na China ainda consideram crime o que aqui – ou num banheiro qualquer de beira de estrada – é visto como tesão.

Digitei no tradutor para ver como é o ideograma de mormaço em mandarim: 莫爾馬科. Ficaria lindo no título de um filme seu, exibido em Taiwan, com Hou Hsiao-Hsien, um dos nossos ícones, quem você ouviu quando esteve em Pequim, como jurado do festival que depois te selecionaria. Observo o ideograma, vejo pezinhos agitados, uma casa por ali, mas que talvez não caiba nela a atração que te habitou, ou o mormaço que você descreveu.

\* \* \*

Você não viu uma cena, um fotograma, uma sequência, nada do filme que faríamos juntos. O curta tinha uma única certeza: um personagem que se matava, e o motivo continuava sendo um mistério.

De verdade, não éramos lá bem amigos nem colegas. Não tinha nada constante entre a gente, nenhum vínculo forte, nenhum compromisso. Apenas dois corpos num Celta Preto 1.4, que ostenta uma esdrúxula batida no porta-mala. Dois corpos e um silêncio.

Eu não sei se tinha entendido direito. A decupagem e a ordem do dia estavam prontos. Tínhamos até feito um storyboard para a cena 17, a primeira no primeiro dia de set, geralmente o mais tenso. Você me disse que a fala do Nilo estava longa demais. Ensaíamos com o ator, e foi ali que resolvemos cortar.

Com um corte bem feito, tudo melhora. Quando eu te dei uma carona de volta você me disse que não daria, que não conseguiria. Eu não entendi. Ou fingi que não entendi. Tampouco insisti, não teimo com quem eu vejo que já largou pra lá. Te escutava, e lembrei de uma citação conhecida, que enaltece um desistir, o mais importante dos gestos.

Ao invés de ficar impassível, vendo você ir pra sua portaria, durante o pôr do sol, eu devia ter alisado seus cabelos, C., me aproximado do seu ouvido e pedido para você ficar. Desconfio que você atendeu ao meu convite não tanto pelo filme, não tanto pelo roteiro, que era confuso, com muitas locações, personagens enigmáticos, como você me alertou; mas sinto que você topou porque queria alguma aproximação.

Eu gosto de sentir a atração de quem se interessa por mim. Saco os olhos, o jeito com que as pessoas trans, homens, mulheres me observam e fico vaidoso ao me ver uma espécie explícita - e até misteriosa - de um desejo sem nome. Não sei precisar, nem quero, não sei direito que tipo de tesão você talvez tenha sentido por mim, e sei que isso pode soar presunçoso, mas foi, mas é o que senti.

Depois de acariciar seus cabelos lisos, curtos, quase ralos, eu te surpreenderia com uma mordida numa das orelhas. Será que você resistiria? Aí a gente se pegaria ali mesmo, espectrofilicos, no meio do Celta, eu reclinaria o banco e chuparia seus mamilos com calma, até a noite cair, até o silêncio esquecer dos nossos corpos e nos deixar em paz.

Não era por estar casado que não te agarrei, nem porque ia ser pai em alguns meses que deixei de te dar um beijo lento, naquele fim de tarde. Foi porque a minha sedução é limitada, C.. Vai até certo ponto e quando envolve trampo, eu travo. Talvez eu te beijasse somente no último dia de set, horas depois da gravação terminar, com a desculpa de estar bêbado.

\* \* \*

Em que estação você estará agora? No *Cidade Vazia* você filmou um velório de madrugada, meninos passando aqui e ali, com bolinhas de gude, andando de bicicleta, varando uma ladeira, o vento, sempre o vento, rondando a face. Aquela cidade era Patos de Minas?

Além de mineiro, você era tímido, o que seria uma rima. De Brasília você se entocava em Patos de Minas. Não tenho a menor ideia de onde essa cidade se localiza no mapa. Ela é bonita?

Mal iniciamos a decupagem, encasquetamos de refinar a lista de suicidas que éramos fãs. Hemingway, Plath, Maiakovski, Virginia Woolf, Ana Cristina Cesar, Anne Sexton. Eram só escritores, você notou. Como se quisesse dizer: não tem tanto cineasta que costuma tirar a própria vida.

Antes de você argumentar, eu revidava. Cineasta é artista criado na planilha, que veste terno e gravata, e vive em comissões do senado, talhado na ordem do dia, na militarização do set, é escaldado em patrocínios, parcerias, associações, co-produções, empréstimos, calotes, escambos, manejos, trambiques, notas fiscais, negócios escusos, grana para uma lente específica, rebatedores, butterflies e caminhões gigantes, nerds do capitalismo tardio. Eu sei, era teórico demais, mas você me escutava, como se aquele torrão de ideais insensatas e o mel bobo dos conceitos pudesse nos levar a uma ilha de certezas.

Não sabia da sua depressão, C.; você a escondeu com afincos. Valeu a pena? Talvez desse um vazio enorme, como ocorre no final de um filme, quando você tem certeza que as cenas mais comoventes foram as que caíram, que o melhor de um filme não é precisamente aquele conjunto de cenas que chega à tela.

Quando exibo *A Menina E.* aos alunos novinhos, beirando a segunda década de vida, eu preciso buscar uma quina, fico encostado num canto, finjo que limpo os óculos, espanto a vergonha de ser flagrado num lapso de choro.

Depois que você transformou aquele subsolo numa estação de metrô vazia, o minhocão da UnB nunca mais foi o mesmo. Enquanto espero a tapioca da Deusdete, ouço um pio de trilho, como se fizesse mais sentido que aquele escombros seja mesmo uma estação de trem.



\* \* \*

Dia mundial do tradutor. Dia da secretária. Dia do navegador. Não faço a menor ideia de como estava Uberlândia - e eu nem sabia que você tinha largado Patos - na manhã em que você se foi. Se o céu estava encoberto, se havia uma nuvem cinza passeando perto da sua rua, o que seria um clichê, um desses que você evitava.

Antes de morrer – e bem depois da sua morte, C., Godard gravou um vídeo. Ele fumando de frente para a câmera. Um baita charuto, um mundêu de neblina em direção à câmera, como se fosse uma Maria Fumaça, dessas que ainda existem em algum canto de Minas, em Tiradentes, talvez, um ponto turístico pronto para acolher a manhã das escolas, e aliviar a penúria de uma professora do primário, que precisa repetir a mesma matéria, à exaustão.

Godard morreu filmando-se, mas não filmaram seu suicídio assistido. Antecipou seu fim, um tempo antes de perder a capacidade de discernimento. *Suicide, mode d'emploi*, modo de usar, como a vida, no título do livro do Perec. Lembro de uma entrevista. Perguntaram ao Godard se ele tinha medo da morte e ele respondeu que não, que não tinha medo da morte porque a domaria primeiro, porque *sucide mode d'emploi*, um best-seller na França dos anos setenta, era um dos seus livros de cabeceira

Olha aí, tô falando de Godard. Nem tenho certeza se você vibrou como eu em alguns takes do *Desprezo*, ou diante do súbito desaparecimento do 3D, por poucos frames, quando o olho direito briga com o esquerdo numa esquizo-sequência de *Adeus à Linguagem*. Quem sabe Godard tenha somente puxado para perto do seu rosto uma cortina à sua despedida. Em silêncio, você se filma, sabe? Aquele take já meio embaçado de uma câmera de computador, que pega os livros numa estante ao fundo, e dá para ver algumas poltronas, coisas bagunçadas pela mesa, e o rosto do corpo que daqui a pouco estará morto, porque todo take interpela fantasmas do futuro.

Inventar rituais para despedidas. Inventar como pronunciar a palavra Adeus sem ficar com os olhos marejados demais. Nas mortes súbitas, o que me atormenta é o retiro das despedidas. Uma sensação meio besta, egoísta até. Egoísmo de quem decide partir e também daqueles que ficaram se lamuriando de quem só pensou em si quando foi embora.

\* \* \*

C., você tinha algo que eu nunca alcancei: talento. Não é exatamente aquela barra de chocolate ruim, que fica na boca da caixa de um supermercado, e não importa se você está numa cidade grande, ou numa bodega de um rincão onde a energia elétrica cai, dia sim, dia não. Você tinha talento – era um fato.

Não sei bem porquê, mas várias vezes me incomodo com o talento dos outros. Os cantores de voz sublime e fácil; as pessoas que desenham com desenvoltura, quem logo encontra uma frase perfeita, uma rima, quem discursa para uma platéia inimiga e a cativa com piadas, risadas rápidas e sinceras. Vá lá, que eu seja pelo menos justo comigo, se não me beliscam debaixo da mesa, eu também exibio por aí uma boa memória, ainda que precise anotar o que lembro, mas na real, nunca tive um talento.

É na máscara do esforçado que eu me escondo. Nada de ser genial, guri, isso é coisa de berço, dizia meu velho, e a gente não tem essa origem. Seu talento nunca me incomodou, C. – era generoso, elevava. Não sei como você se equilibrava entre seu talento e o cuidado com os outros. Não sei como você conseguiu e quais acrobacias inventou. As melhores pessoas são aquelas que caminham com certa dor sem agredir quem está por perto, ou que se precipitam de uma só vez, sem dizer nada, sem nada explicar.

\* \* \*

Entre parêntesis, a vida seria mais fácil. Entre parêntesis, e caberiam frases, no meio da neblina, imagens se abrigariam, presas a um útero, uma casa, uma casca, uma proteção qualquer. Entre parênteses e quem sabe teríamos um refúgio, um esconderijo diante da inconveniência de ter nascido. Um dia desses postaram uma foto do Hemingway. Ele está com os olhos pesados, velho, redondo de tanto rum e whisky. Dá para sacar que a foto veio de um passeio por Veneza, porque têm uns barcos ao fundo e reconheço o Grand Canal. Venta, e ele tem pombos no seu braço, à sua volta. Pombos são pássaros asquerosos, é verdade, mas na foto eles adornam Hemingway com uma misteriosa alegria. O letreiro informa: esta é a última foto, o último registro do escritor, uma premonição do seu rosto, quase póstumo. Poucas semanas depois, ele estoura a boca com uma espingarda.

Justo a boca. Por que essa obsessão com o último segundo? Entre parênteses – e o último embala um retorno, uma vontade de regresso -, entre parênteses, e travessões, é uma forma de forçar as grades, abrir espaços, sussurrar por passagem. Jack Nicholson na Andaluzia, repórter de si, passageiro da vida, essa eterna vontade de, sendo outro, voltar a se sentir alguém. Ele sai, ele vai, sem pedir licença, ele esgarça as grades da janela, uma paisagem impossível, morre ou é morto, que diferença faz?, foge, escapa da inconveniência de continuar entre nós.

Entre parêntesis, te observo, ora por fora, ora por dentro, meu amigo, estamos em lados opostos. De longe, meu aceno, minha reverência à sua cambalhota, seja lá qual foi a forma que ela desenhcou no céu. Por aqui, ela plaina.